

Charlotte Perkins Gilman  
Margaret Atwood

# sensações de um teatro da mente

Organização  
SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO



**SENSAÇÕES DE UM  
TEATRO DA MENTE**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

*João Carlos Salles Pires da Silva*

Vice-Reitor

*Paulo Cesar Miguez de Oliveira*

Assessor do Reitor

*Paulo Costa Lima*



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

*Flávia Goulart Mota Garcia Rosa*

Conselho Editorial

*Alberto Brum Novaes*

*Angelo Szaniecki Perret Serpa*

*Caiuby Alves da Costa*

*Charbel Niño El Hani*

*Cleise Furtado Mendes*

*Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti*

*Evelina de Carvalho Sá Hoisel*

*José Teixeira Cavalcante Filho*

*Maria do Carmo Soares Freitas*

*Maria Vidal de Negreiros Camargo*

Patrocínio:

**Desenbahia**

Agência de Fomento do  
Estado da Bahia S.A.



Apoio:



Charlotte Perkins Gilman  
e Margaret Atwood

*sensações de um  
teatro da mente*

Organização

SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO

Salvador | Edufba | 2015

Tradução de O Papel de Parede Amarelo, *The Yellow Wallpaper*, de Charlotte Perkins Gilman; obra em domínio público. Direitos para esta edição de contos do livro *Crime na Escuridão*, *Murder in the Dark*, cedidos por O.W. Toad Ltd., com permissão de Margaret Atwood, a Sílvia Anastácio. “The Page”, “Murder in the Dark”, “Instructions for the Third Eye” and “Happy Endings” are from Margaret Atwood’s book *Murder in the Dark*. © O.W. Toad Ltd., 1983. Used with permission by the author. Feito o depósito legal. A edição em língua portuguesa é publicada pela Editora da Universidade Federal da Bahia, 2015. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de nenhuma forma e por nenhum meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de recuperação de armazenagem de informação sem a permissão da O. W. Toad Ltd.

Direitos para esta edição cedidos à Edufba.  
Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico  
*Alana Gonçalves de Carvalho Martins*

Capa e editoração  
*Ruan Santos*

Revisão  
*Raquel Borges Dias, Stanley Serravalle, Paloma Silva de Almeida,  
Magel Castilho de Carvalho*

Sistema de Bibliotecas - UFBA

---

Sensações de um teatro da mente / Sílvia Maria Guerra Anastácio (org.).  
- Salvador : EDUFBA, 2015.  
67 p. + 1 disco sonoro.

ISBN 978-85-232-1314-5

1. Ficção americana. I. Anastácio, Sílvia Maria Guerra. II. Gilman, Charlotte Perkins. III. Atwood, Margaret.

CDD - 801.953  
CDU – 821(73)

---

Editora filiada à



Edufba  
Rua Barão de Jeremoabo, s/n - Campus de Ondina  
40170-115 - Salvador - Bahia  
Tel.: +55 71 3283-6164 | Fax: +55 71 3283-6160  
[www.edufba.ufba.br](http://www.edufba.ufba.br) | [edufba@ufba.br](mailto:edufba@ufba.br)

# Apresentação

O audiolivro *Sensações de um teatro da mente* contém a tradução para o português do conto “The Yellow Wallpaper” (“O papel de parede amarelo”) da autora americana Charlotte Perkins Gilman, que foi adaptado e gravado em audiolivro; assim como contos de Margaret Atwood, “Instruções para o uso do terceiro olho” (“Instructions for the Third Eye”), “Crime na escuridão” (“Murder in the Dark”), “Finais felizes” (“Happy Endings”) e “A página” (“The Page”). Os contos foram traduzidos por pesquisadores do Grupo de Pesquisa Tradução, Processos de Criação e Mídias Sonoras (PRO.SOM), coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sílvia Maria Guerra Anastácio. O Projeto tem como objetivo enriquecer o mercado de mídias sonoras com audiolivros produzidos a partir da publicação de obras literárias traduzidas para o português. Este audiolivro

encontra-se acessível em diversos formatos: além da versão impressa, contém também uma versão interpretada por atores e outra em MECDAisy, uma leitura “branca” preparada especialmente para os deficientes visuais.

## **O papel de parede amarelo**

Tradução para o português do conto

*The Yellow Wallpaper*

De Charlotte Perkins Gilman

### **Personagens**

Mulher, John, Mulher/Personagem

### **Local**

Casa, Quarto



# O papel de parede amarelo

**Efeito sonoro:** *Trilha de suspense.*

**Mulher:** *(tom de suspense)* É muito difícil pessoas normais como eu e John alugar casarões para o verão. Ainda mais um tão antigo como esse. Deve ser mal-assombrado!

Acho que tem algo estranho aqui. Senão, por que o aluguel estaria tão barato? Por que essa casa ficou tanto tempo fechada?

**Mulher:** *(riso irônico)* John fica rindo de mim por causa das coisas que eu falo... Bom, ele é uma pessoa muito prática. Ele acha chato falar de fé, não acredita em superstições, e só gosta de falar de coisas que a gente possa ver ou sentir. Deve ser porque ele é médico. Mas só estou escrevendo essas coisas sobre ele porque ninguém mais vai ler esse diário.

Ele não acha que estou doente. O que é que eu posso fazer? Se um médico renomado, que ainda por cima é meu marido, afirma aos amigos e parentes que não há nada de errado comigo, apenas uma histeria de pouca importância – o que é que eu posso fazer? *(tom dramático)* Meu irmão também é um grande médico e concorda com ele. Então meu tratamento é à base de fosfatos ou sei lá o quê, e tônicos, e viagens, e ar livre e exercícios, e, enfim, estou terminantemente proibida de trabalhar até eu me sentir bem de novo. Eu *(ênfase)* discordo dessas ideias. Pra falar a verdade, eu acho que um trabalho agradável, com um pouco de entusiasmo e de desafios, me faria bem. Mas o que é que eu posso *(ênfase)* fazer? Gosto muito de escrever e acho que me faz bem. Mas eles são contra... Tenho até que escrever escondida. Isso me deixa cansada. Às vezes, imagino que, na minha condição, se tivesse mais apoio, companhia e estímulo. Mas ele vive dizendo...

**John:** *(em reverb)* Meu benzinho, já te disse várias vezes pra não ficar pensando sobre isso.

**Efeito sonoro:** *Música de fundo suave, marcando o início da outra cena.*

**Mulher:** Então, eu começo a falar sobre a casa. É o lugar mais bonito que já vi! É Bem solitário e afastado

da estrada, pelo menos uns cinco quilômetros e meio da vila.

**Efeito sonoro:** *Som de folhas ao vento, pássaros, riacho, enquanto ela fala.*

**Mulher:** Tem um jardim muito agradável, amplo e fresco. Ele é cheio de trilhas, flores, árvores com frutas e bancos para se sentar. Tinha até estufas, mas estão todas quebradas.

**Efeito sonoro:** *Acaba a música bruscamente. Acaba a música suave, entra música de suspense.*

**Mulher:** O casarão ficou vazio durante anos. Eu achava que era mal assombrado. Me disseram que foi um problema com os herdeiros. Mas não me importo. Sei que tem algo de estranho nesta casa. Até comentei isso com John uma noite dessas. Ele apenas respondeu que o que eu tinha sentido não passava de uma corrente de ar, e fechou a janela.

Às vezes, John me deixa muito irritada, muito irritada mesmo. (*suspiro*) Nunca fui tão sensível assim antes. Talvez seja por causa do meu estado. Tenho que me controlar, pelo menos na frente de John. Isso me deixa tão cansada!

**Mulher:** *(tom de reclamação)* Não gosto nem um pouco do nosso quarto. Eu queria um quarto no andar de baixo, que tivesse uma varanda, rosas nas janelas, com cortinas de chita meio antiquadas, mas John não quis me ouvir. Ele disse que ali havia apenas uma janela e o quarto não tinha espaço para duas camas; além disso, não tinha nenhum quarto ao lado, caso ele quisesse ficar em outro cômodo por perto. *(sons de pássaros enquanto ela fala)* Ele é muito cuidadoso, amável, e quase nunca me deixa fazer nada. Tenho uma lista de prescrições para cada hora do dia; ele toma conta de tudo para mim, e me sinto ingrata por não valorizar o que ele faz. Disse que viemos para cá só por minha causa, que tenho que descansar bastante e aproveitar o ar puro daqui.

**Efeito sonoro:** *Indicação de passagem de tempo.*

**Mulher:** Decidimos ficar no quarto das crianças, no andar de cima. É um quarto grande e ventilado, que toma quase todo o andar, com janelas em todas as paredes, muito claro e arejado. Acho que foi um quarto para crianças porque as janelas são gradeadas. Mas as argolas de metal na parede me fazem pensar: Talvez tenha sido uma sala de ginástica. A pintura e o papel de parede estavam tão gastos como os de uma escola. O papel está rasgado e com

grandes manchas de um lado a outro do quarto. Nunca vi um papel de parede pior do que esse em toda a minha vida. Ele cometia todos os tipos de pecados inaceitáveis contra a arte. São formas tão monótonas que confundem o olhar, causando irritação e prendendo nossa atenção.

**Mulher:** (*tom de nojo*) A cor é desagradável, que chega a dar agonia; um amarelo sujo e sem brilho, que sumia aos poucos, junto com a luz do sol. Em alguns lugares, é um laranja sem graça, mas em outros parece mais forte. Não duvido que as crianças odiassem tudo isso. Eu também odiaria se tivesse que viver nesse quarto por muito tempo.

**Mulher:** (*voz assustada, em pânico*) Lá vem John e eu preciso esconder isso aqui, – ele odeia me ver escrevendo qualquer palavra que seja. (*indicação de passagem de tempo*) Estamos aqui há duas semanas e, desde o primeiro dia, não sinto vontade de escrever. Agora estou sentada em frente a janela, nesse quarto horrível e não há nada que me impeça de escrever o que eu quiser... a menos que eu não tenha vontade. John fica fora o dia todo, e até mesmo algumas noites, quando tem que ver os pacientes que estão em estado grave. Fico aliviada por meu caso não ser tão grave. Mas esse problema

dos nervos é muito deprimente. John não sabe como eu sofro. Ele diz que não há RAZÃO para eu sofrer. Claro que é apenas uma inquietação, mas me sinto culpada por não cumprir minhas obrigações. Eu queria muito ajudar John, queria ser alguém que pudesse confortá-lo e lhe dar descanso, mas eu sou quase que um fardo para ele. Ninguém tem ideia do esforço que é fazer o pouco que eu faço: me vestir, receber as pessoas e dar ordens. Que sorte que Mary é tão boa com o bebê. Um bebê tão querido. Não consigo ficar com ele porque me deixa nervosa. Imagino que John nunca ficou nervoso em toda a sua vida. Ele ri de mim quando falo desse papel de parede. Primeiro, pensou em trocá-lo, mas depois disse que eu estava permitindo que aquele papel me dominasse, e o pior que poderia acontecer a uma pessoa que sofre dos nervos é se deixar levar por fantasias. Ele disse ainda, que depois de mudar o papel de parede, também mudaria a cama e, depois, as janelas gradeadas, e em seguida, o portão no alto da escada, e assim por diante.

**John:** Você sabe que este lugar está fazendo bem a você. Eu realmente não me importo, meu bem, de renovar o aluguel da casa por mais três meses.

**Mulher/personagem:** Então poderíamos, pelo menos, mudar para o andar de baixo. Há tantos quartos bonitos no andar de baixo...

**Mulher:** Em seguida, ele me tomou nos braços e me chamou de bobinha. Disse que ficaria no porão, se eu quisesse. Apesar de tudo, é um quarto ventilado e confortável, que agradaria a qualquer pessoa e, claro, eu não seria tão ridícula a ponto de incomodá-lo só por causa de um capricho meu. Na verdade, estou até começando a gostar desse quarto tão grande; gosto de tudo, menos daquele papel de parede horroroso. Lá fora, posso ver o jardim, repleto de flores que já estão ali há muito tempo, além de árvores e arbustos com galhos retorcidos. De uma janela tenho uma visão adorável da baía e do cais que pertence à propriedade. Há um belíssimo corredor de árvores saindo da entrada da casa. Eu sempre imagino pessoas andando por esses caminhos, mas John me advertiu de que não devo me deixar levar pela imaginação. Ele vive dizendo que meu hábito de inventar histórias e minha capacidade imaginativa – sinais de fraqueza dos meus nervos – com certeza, podem levar a todo o tipo de fantasias. Por isso, eu devia usar toda a minha força e o meu bom-senso para reprimir essa tendência. E é isso que estou tentando fazer. Às vezes, eu acho que se conseguisse escrever

um pouco, colocando as ideias no papel, conseguiria relaxar. Mas percebo que fico muito cansada quando tento escrever. É tão desestimulante não ter ninguém para dar uma opinião e acompanhar o meu trabalho. Quando melhorar, John me garantiu que vai pedir ao primo Henry e a Julia para nos visitar; mas ele diz que é como se essas pessoas que me estimulam agora, estivessem botando lenha na fogueira para eu ficar pior. Eu queria melhorar mais rápido. Mas não devo pensar nisso. (*indicação de passagem de tempo*) Esse papel está olhando para mim como se soubesse que, de alguma maneira, pode me fazer mal.

Há um padrão que se repete no papel de parede, lembrando um pescoço quebrado. Há, também, dois olhos esbugalhados que te encaram fixamente meio que de cabeça para baixo. Fico extremamente irritada com a ousadia desse papel e com a repetição infinita daquele padrão. Em cima, em baixo e para os lados, as linhas rastejam e aqueles olhos bizarros que não piscam estão por toda a parte. Só tem um lugar onde as bordas do papel não foram corretamente alinhadas, e os olhos vão para cima e para baixo, um mais alto que o outro. Nunca tinha visto um papel de parede tão expressivo. Eu costumava ficar com os olhos bem abertos quando criança para me divertir, me assustando com paredes brancas

e móveis infantis. Eu lembro que, ao olhar o puxador da nossa antiga cômoda, ela parecia brilhar para mim. Tinha, também, uma cadeira enorme que parecia querer me abraçar. Eu achava que se algo de ruim me acontecesse, sempre poderia subir naquela cadeira e estaria segura. Os móveis desse quarto não são harmoniosos porque vieram do andar de baixo. Acho que quando foi usado como sala de ginástica, tiraram daqui os móveis de criança. Não me admira que tenham feito isso. Afinal, crianças costumam ser muito curiosas.

O papel de parede, como disse antes, está rasgado em vários lugares, mas, ao mesmo tempo, está tão grudado à parede como irmãos siameses. Riscaram, esburacaram e danificaram o piso, até mesmo o reboco tem buracos aqui e ali. A única coisa que encontramos no quarto foi uma cama velha e muito pesada... parece que foi palco de uma guerra. Mas eu não me importo nem um pouco – só me importo com o papel de parede.

**Efeito sonoro:** *Som de passos.*

**Mulher:** Aí vem a irmã de John. Ela é tão querida e cuidadosa. Não posso deixar que ela me veja escrevendo. É uma governanta perfeita, adora o que faz e acha que essa é a melhor profissão que existe.

Sem dúvida, ela acha que escrever é o que me faz ficar doente. Mas eu posso escrever quando ela não está por perto e quando vejo pela janela que ela está bem longe. Tem uma janela que dá para a estrada, uma estrada muito bonita, sombreada e cheia de curvas; e tem outra de onde dá para ver toda a região. Uma linda região cheia de grandes arbustos e campos aveludados. Esse papel de parede forma outros tipos de desenhos dependendo da claridade. Nos lugares onde não está desbotado e onde o sol bate, de certa maneira, até consigo ver uma estranha e provocante figura sem forma, que parece se esconder por trás daqueles desenhos idiotas que aparecem em primeiro plano e chamam a nossa atenção.

**Efeito sonoro:** *Som de passos.*

**Mulher:** Lá vem a minha cunhada subindo a escada.

**Efeito sonoro:** *Mudança de cena – incluir cortina sonora.*

**Mulher:** Bem, o 4 de Julho terminou. Todas as pessoas estão indo embora e eu me sinto cansada. John acha que uma companhia talvez me faça bem; por isso, temos mamãe, Nellie e as crianças por aqui durante toda a semana. Claro que não faço nada. Jennie faz tudo para mim. Mas ainda assim fico

cansada. John falou que se eu não conseguir me recuperar mais rápido, ele vai me mandar para o Dr. Mitchell. Mas eu não quero ir de jeito nenhum para lá. Uma amiga minha foi a uma consulta com ele uma vez, e me disse que ele consegue ser pior que John e meu irmão juntos. Além disso, é um tanto quanto desgastante ir tão longe. Não acho que vale a pena começar nenhum tipo de trabalho agora, e estou ficando cada vez mais irritada e rabugenta. Choro o tempo todo por nada. É claro que não choro quando John ou qualquer outra pessoa estão por perto, só quando estou sozinha. E agora tenho passado muito tempo sozinha. John fica mais na cidade por causa dos seus pacientes graves, e Jennie é muito boa comigo e me deixa sozinha sempre que eu peço.

**Efeito sonoro:** *Canto de pássaros.*

**Mulher:** Então eu caminho um pouco pelo jardim ou pela estrada. Estou gostando cada vez mais do quarto, apesar do papel de parede. Talvez... Talvez goste cada vez mais por causa do papel de parede. Ele não sai da minha cabeça! Deito na cama e fico vendo a forma do desenho durante horas e horas. Posso jurar que é um exercício tão bom quanto fazer ginástica. Começo pela parte de baixo, naquele canto onde nunca ninguém tocou, e afirmo, pela

milésima vez que seguirei aquelas linhas desconexas até fazerem algum sentido. Conheço um pouco dos princípios da arte e sei que esse desenho aí não segue nenhuma lei de perspectiva, nem de variação, repetição ou simetria; ou qualquer outra lei que já se tenha ouvido falar. Fico cansada de acompanhar esses rabiscos com os olhos. Acho que vou tirar uma soneca.

**Efeito sonoro:** *Cortina sonora para mudança de cena.*

**Mulher:** Não sei por que eu preciso escrever isto. Eu não quero. Eu não me sinto capaz. E sei que John acharia que isso é um absurdo. Mas, de qualquer maneira, preciso dizer o que sinto e penso. Para mim, é um grande alívio! Mas o esforço que faço acaba sendo maior do que o alívio que eu sinto... Normalmente sinto muita preguiça e, por isso, fico deitada a maior parte do tempo. John diz que não posso perder as forças e me faz beber óleo de fígado de bacalhau e vários tônicos e outras coisas. Incluindo cerveja, vinho e carne crua. Meu querido John! Ele me ama muito e odeia me ver doente. Eu tentei ter uma conversa sincera com ele outro dia; tentei convencê-lo a me deixar visitar meus primos Henry e Julia.

Ele disse que eu não tinha condição de ir e que eu não aguentaria ficar lá por muito tempo. Eu não consegui argumentar muito bem, e comecei a chorar antes de terminar meu discurso. Para mim, é um grande esforço pensar com clareza. A culpa é dos meus nervos. Meu querido John me colocou nos braços e me levou para a cama, sentou-se ao meu lado e ficou lendo até minha mente ficar bem cansada. Ele disse que eu era sua querida, seu aconchego, que eu era tudo o que ele tinha, e que eu deveria me cuidar. John ainda me disse que só eu mesma posso me ajudar, que devo usar minha força de vontade e meu autocontrole, e que eu não posso me deixar levar por essas fantasias bobas.

Só me consolo com uma coisa: o meu bebê está bem e feliz, e não precisa ficar nesse quarto com um papel de parede tão horroroso. Se não tivéssemos usado esse quarto, minha bebezinha teria ficado nele. Que sorte ela teve! Eu não deixaria minha filha, uma coisinha tão sensível, dormir num quarto desses! E eu não havia pensado nisso antes, mas por sorte John me deixou nesse quarto, afinal, consigo aguentar melhor do que um bebê. Claro que não falo mais disso com nenhum deles – sou muito prudente – mas continuo observando aquele papel de parede. Há coisas nele que só eu sei; eles nunca vão saber.

Por trás da fachada daquele padrão do desenho, há formas escuras que, dia a dia, se tornam mais nítidas. Tem uma forma que fica se repetindo e que parece uma mulher se abaixando e se arrastando por trás daquele desenho. Eu fico imaginando – Queria que John me tirasse daqui! É tão difícil falar com John sobre o meu caso porque ele é muito sensato e ele me ama muito.

Mas tentei na noite passada. Era noite de lua. A lua brilhava sobre tudo, assim como o sol durante o dia. Às vezes, eu detesto ver a lua... A luz dela se arrastando tão devagar e sempre entra por uma janela ou por outra.

John estava dormindo e, como eu detestava acordá-lo, fiquei quieta, observando o luar sobre aquele papel de parede cheio de linhas onduladas, até ficar arrepiada de medo.

Aquela figura frágil por trás do papel de parede parecia estar empurrando o desenho, como se quisesse sair dali. Eu levantei bem devagar e fui ver se o papel se movia e, quando voltei, John já estava acordado.

**John:** Ei, amorzinho, o que foi que aconteceu? Não ande pelo quarto assim, você pode pegar um resfriado.

**Mulher:** Acho que é uma boa hora para conversarmos. Eu não estou gostando de ficar aqui, e queria que você me levasse embora.

**John:** Por que, minha querida? Nosso aluguel está previsto para mais três semanas e eu não vejo como sair daqui antes disso. A reforma de nossa casa ainda não terminou, e eu não posso sair da cidade, justo agora. Claro que se você estivesse em perigo, eu deveria e poderia ir embora, mas você está, de fato, melhor, minha querida, mesmo que não perceba. Sou médico, querida, e eu sei. Você está ganhando peso e ficando mais corada, seu apetite está melhor, estou mais tranquilo em relação a você.

**Mulher/personagem:** Eu não ganhei muito peso, meu apetite talvez melhore na hora do jantar, quando você chega, mas piora de manhã, quando você está longe daqui!

**John:** Que Deus lhe guarde! Uma pessoa está tão doente quanto ela acha que está! Mas agora vamos aproveitar essa hora que é boa para dormir e falamos sobre isso amanhã!

**Mulher/personagem:** *(tom de voz triste)* E você não vai estar fora?

**John:** Como é que eu posso ficar fora, querida? Ficamos aqui só mais três semanas e depois podemos fazer uma pequena viagem, enquanto Jennie termina de arrumar a casa. Mas acredite em mim querida: você está realmente bem melhor.

**Mulher/personagem:** Talvez o corpo esteja melhor...

**Mulher:** Comecei e parei de falar de repente porque ele levantou e olhou para mim de um jeito tão severo e reprovador, que não consegui dizer mais nada.

**John:** Minha querida, eu lhe imploro, por mim e por nossa filha, e por você também, que nunca, nem por um segundo, você fique pensando que não está bem! Não há nada mais perigoso do que isso. Ficar imaginando essas besteiras que não são verdade. Você não confia em mim como médico?

**Mulher:** Claro que eu não falei mais nada e voltamos a dormir. Ele pensou que eu estava dormindo, mas fiquei horas tentando pensar se os desenhos de fundo do papel de parede e as figuras da frente se moviam juntos ou separadamente.

**Efeito sonoro:** *Mudança de cena.*

**Mulher:** A cor do papel de parede é horrível, imprecisa e muito irritante, mas o desenho é, de fato,

insuportável. Você acha que já conhece esse desenho, mas quando segue seus traços, ele dá um salto mortal e deixa você a ver navios, te nocauteia, te derruba no chão e depois pisa em cima. É como um pesadelo. A figura é um arabesco florido que parece um monte de cogumelos junto: uma fileira interminável de cogumelos brotando e crescendo incessantemente... Quer dizer, às vezes! Há uma particularidade bem visível nesse papel, algo que ninguém parece perceber, só eu, e que muda assim que a iluminação muda. Quando o sol passa pela janela que fica do lado leste – e olha que eu sempre espero pelo primeiro raio de sol do dia –, o desenho muda tão rápido que nem consigo acreditar. É por isso que sempre fico observando. Já à luz da lua, que brilha a noite toda, eu não diria que é o mesmo papel. Durante a noite, com qualquer luz que seja, luz de vela, ou de lâmpada, e a pior de todas, a luz da lua, o desenho da frente se transforma em grades e a mulher por trás aparece com muita nitidez. Por muito tempo eu não percebi o que havia ao fundo, aquele desenho sombreado, mas agora tenho quase certeza que é uma mulher. Durante o dia, ela fica quieta. Acho que é aquele desenho da frente que a deixa tão paralisada. É tudo tão enigmático! Me faz ficar quieta também por horas a fio. Ultimamente, tenho ficado mais tempo deitada. John diz que isso

é bom para mim e recomenda que eu durma o máximo que puder. Ele começou a me colocar para dormir por uma hora após cada refeição. Tenho certeza de que é um hábito muito ruim, já que não consigo dormir. E isso só alimenta a ilusão de John, pois não digo a ele que fico acordada. A verdade é que estou ficando com um pouco de medo dele. Às vezes, ele parece muito estranho e até Jennie tem um olhar que eu não entendo. Talvez seja o papel! Eu tenho observado John, sem ele perceber. Várias vezes já entrei no quarto com uma desculpa qualquer e peguei ele olhando para o papel de parede! E Jennie também. Uma vez, eu peguei ela tocando no papel com as mãos. Ela não sabia que eu estava no quarto e quando perguntei com a voz calma, bem calma, do jeito mais natural possível, o que ela estava fazendo com o papel, ela se voltou para mim como se tivesse sido pega roubando e ficou muito brava. Me perguntou por que eu tinha dado um susto nela. Ela disse que o papel manchava tudo e que ela havia encontrado manchas amarelas em todas as minhas roupas e nas de John, por isso, esperava que tivéssemos mais cuidado. Até parece que a atitude dela era inocente! Sei que ela estava analisando aquele desenho, mas resolvi não permitir que ninguém descubra o que está por trás dele, só eu! (*passagem de tempo*) A vida agora está

muito mais emocionante do que antes. Afinal, eu tenho algo com o que me preocupar. Eu estou até comendo melhor e estou mais calma do que antes. John está tão satisfeito por me ver melhor! Ele até riu outro dia e disse que eu parecia estar mais feliz, apesar do papel de parede. Eu mudei de assunto, dando uma risada. Eu não tinha a menor intenção de contar a ele que eu estava melhorando justamente por causa do papel de parede – ele ia rir de mim. Ele podia até querer me tirar dali. Eu só quero ir embora quando descobrir o que estou procurando. Ainda falta mais de uma semana e acho que vai dar tempo.

**Efeito sonoro:** *Mudança de cena.*

**Mulher:** Estou me sentindo cada vez melhor! Não durmo muito à noite porque é mais interessante acompanhar os desdobramentos do papel de parede, mas durmo bastante durante o dia.

**Mulher:** Durante o dia, é tudo tão cansativo e confuso.

**Efeito sonoro:** *Mudança de cena.*

**Mulher:** Há sempre novos brotos aparecendo no desenho e novos tons de amarelo em toda parte. Já tentei contar quantos tons diferentes tem, mas não consegui. É o amarelo mais estranho que já vi! Me faz pensar em todas as coisas amarelas que já

vi na vida – não em coisas bonitas como algumas florzinhas amarelas, mas em coisas velhas e podres: coisas ruins.

**Efeito sonoro:** *Mudança de cena. Som de chuva.*

**Mulher:** Tem outra coisa sobre aquele papel de parede – o cheiro! Notei logo que entrei no quarto, mas com tanto ar puro e sol, não parecia tão ruim assim. Há uma semana que só temos neblina e chuva, e não importa se as janelas estão abertas ou fechadas, aquele cheiro fica sempre lá. Ele se arrasta por toda a casa. Eu o encontro pairando na sala de jantar, escondendo-se na saleta, no salão, deitado à minha espera nas escadas. Entra no meu cabelo. Mesmo quando vou andar, ou se viro a minha cabeça, de repente, eu sou surpreendida por ele – lá está o cheiro! Um cheiro bastante peculiar! Tenho passado horas tentando analisá-lo minuciosamente para descobrir que cheiro é esse. Não é tão ruim assim, mas também não é muito agradável; é um cheiro sutil, e o mais persistente que já senti. Nesse tempo úmido, o cheiro é terrível; acordo no meio da noite e o sinto ao meu redor. Costumava ficar perturbada. Pensei seriamente em queimar a casa só para me livrar daquele cheiro. Mas agora já me acostumei.

Só penso naquele cheiro. É como a cor do papel de parede. Um cheiro amarelo.

**Efeito sonoro:** *Mudança de cena.*

**Mulher:** Tem uma marca muito esquisita nessa parede, embaixo, perto do rodapé. Uma faixa que rodeia o quarto. Segue por trás de cada móvel, exceto da cama, e a mancha continua em linha reta; parece que essa mancha foi feita por alguém se esfregando repetidamente na parede. Eu me pergunto como a mancha foi feita, por quem e por quê. Dando voltas e mais voltas e mais voltas, e voltas e mais voltas e mais voltas – fico tonta! Por ficar observando o desenho à noite, quando o padrão do desenho muda, acabei descobrindo uma coisa. A figura se move mesmo – e não se admirem! A mulher que está atrás é que o balança!

**Efeito sonoro:** *Leve som de papel sendo amassado.*

**Mulher:** Às vezes, acho que tem várias mulheres lá atrás, outras vezes, acho que só tem uma; ela rasteja dando voltas rápidas e, ao se rastejar, acaba fazendo o papel de parede balançar. Então, nos espaços bem claros, ela fica quieta; já nos espaços sombreados, ela agarra as grades e as balança com força.

**Efeito sonoro:** *Grades de ferro sendo balançadas enquanto a fala anterior é dita (ela agarra as grades e as balança com força).*

**Mulher:** Ela fica o tempo todo tentando ir para frente. Mas ninguém consegue atravessar aquele desenho – ele estrangula quem tenta passar; acho que é por esse motivo que tem tantas cabeças ali. Quem atravessa, é estrangulado pelo desenho e acaba sendo virado de cabeça para baixo, até que os olhos ficam esbugalhados! Se cobrissem aquelas cabeças ou as tirassem dali até que não seria tão mal assim. Acho que aquela mulher sai durante o dia! E vou dizer o porqueporquê : – cá entre nós – eu a vi! Consigo vê-la de cada uma de minhas janelas! É a mesma mulher, eu sei, porque ela está sempre se arrastando e a maioria das mulheres não se arrasta durante o dia. Eu a vejo naquela longa estrada, embaixo das árvores, se arrastando, e quando uma carruagem passa,

**Efeito sonoro:** *Roda de carruagem em chão de pedras.*

**Mulher:** Ela se esconde embaixo dos pés de amora. Não a culpo nem um pouco. Deve ser muito humilhante ser vista rastejando durante o dia! Sempre tranco a porta quando me arrasto durante o dia. Não posso fazer isso à noite porque eu sei que John logo ia

suspeitar de alguma coisa. E John anda tão estranho ultimamente, que não quero aborrecê-lo. Eu gostaria que ele ficasse em outro quarto! Além disso, eu quero ser a única pessoa que vê aquela mulher saindo à noite. Eu fico imaginando se eu conseguiria vê-la de todas as janelas de uma só vez. Mas, por mais rápido que eu me vire, só consigo vê-la de uma janela por vez. E embora eu sempre a veja, ela é sempre capaz de se arrastar mais rápido do que consigo me virar! Às vezes, observo quando ela está ao ar livre, arrastando-se tão rápido quanto a sombra de uma nuvem levada por um vento forte.

**Efeito sonoro:** *Mudança de cena.*

**Mulher:** Se pelo menos aquele desenho pudesse ser tirado de cima do outro! Tentei tirá-lo, aos poucos.

**Efeito sonoro:** *Papel sendo rasgado.*

**Mulher:** Descobri outra coisa engraçada, mas não vou contar agora. Não é muito certo confiar demais nas pessoas. Só tenho mais dois dias para remover esse papel e acho que John já está começando a perceber e eu não gosto nada daquele olhar no rosto dele. Eu o escutei fazer um monte de perguntas a Jennie a meu respeito, perguntas de médico. Ela deu a ele um relatório completo. Disse que eu

dormia bastante durante o dia. John sabe que não durmo muito bem à noite, mesmo que eu fique quieta do lado dele. Ele também me fez todo tipo de pergunta, se fazendo de amável e gentil. Como se eu não o conhecesse! Não me surpreendo em vê-lo agir dessa maneira, levando em conta que faz três meses que ele dorme sob esse papel de parede. Eu tenho muito interesse no papel de parede, mas tenho certeza de que John e Jennie, no fundo, também ficaram muito impressionados.

**Efeito sonoro:** *Mudança de cena.*

**Mulher:** Viva! Este é o último dia aqui! John vai passar a noite na cidade e só vai voltar amanhã. Jennie queria dormir comigo – aquela espertinha! Mas eu disse a ela que, sem dúvida, eu ia descansar mais dormindo sozinha a noite toda. Foi uma boa resposta porque, de fato, eu não estava nem um pouco sozinha! Assim que vi aquele luar e que a pobre criatura começou a se arrastar e a sacudir o papel, levantei e corri para ajudá-la. Puxei o papel e ela balançou de novo; balancei o papel e ela puxou e, antes do amanhecer, rasgamos vários pedaços do papel.

**Efeito sonoro:** *Som de papel sendo sacudido e rasgado violentamente.*

**Mulher:** Tiramos uma tira quase da minha altura e que tomava metade do quarto.

Então, quando o sol apareceu e aquele terrível papel começou a rir de mim, jurei que terminaria de arrancá-lo hoje mesmo.

**Mulher:** Vamos partir amanhã e estão levando todos os móveis para baixo, novamente, para deixar tudo arrumado como estava antes.

**Mulher:** Jennie olhou espantada para a parede, mas eu disse a ela que só fiz aquilo por pura raiva do papel. Ela riu e disse que até gostaria de fazer a mesma coisa, mas que eu não devia me cansar. Ela se entregou dizendo isso! Mas só eu posso tocar no papel, e mais ninguém! Ela tentou me tirar do quarto – é claro! Mas eu disse que estava tão quieto aqui, tudo vazio, e tão limpo agora, que eu queria deitar outra vez e dormir à vontade, e que eu avisaria quando acordasse. Então ela saiu, e as outras empregadas também. Tiraram todas as outras coisas, e só ficou a grande cama presa ao chão, com um colchão de lona. Temos que dormir no andar de baixo hoje à noite e pegar o barco para casa amanhã. Eu até gosto do quarto, agora que está vazio novamente. Como as crianças que moravam aqui

deviam ser travessas! Esta cama está toda amassada! Mas preciso voltar ao trabalho.

**Efeito sonoro:** *Som de porta sendo trancada.*

**Mulher:** Tranquei a porta e joguei a chave lá embaixo, na entrada da frente. Não quero sair e não quero que ninguém entre até John voltar. Quero fazer uma surpresa a ele. Encontrei uma corda aqui que nem mesmo Jennie sabe que existe. Se aquela mulher sair do papel de parede e tentar fugir, posso amarrá-la! Mas esqueci que não vou conseguir sem ter um apoio! E essa cama nem se move! Tentei levantá-la e empurrá-la até ficar toda doída; e então me irritei tanto, que até arranquei um pedaço de um dos cantos da cama com os dentes – e acabei me ferindo.

**Mulher:** Depois, fiquei de pé, no chão e arranquei todo o papel de parede que consegui alcançar.

**Efeito sonoro:** *Papel sendo rasgado com violência.*

**Mulher:** Está muito colado e as formas que surgem naquele papel até parecem gostar de estar tão grudadas! Todas aquelas cabeças estranguladas e aqueles olhos esbugalhados, e os fungos que crescem, tortos, e que gritam com um jeito de desprezo. Estou ficando tão irritada, que vou acabar tomando uma atitude desesperada. Pular da janela seria uma

boa alternativa, mas as barras são tão pesadas que nem me atrevo a tentar. Mas é claro que eu não faria isso. Claro que não. Sei muito bem que um ato desses seria inadequado e, também, mal interpretado. Nem mesmo gosto de olhar para fora das janelas – há muitas dessas mulheres se arrastando e elas se arrastam muito rápido.

**Efeito sonoro:** *Pessoas se arrastando.*

**Mulher:** Imagino se todas elas vêm do papel de parede como eu. Mas estou bem presa pela minha corda, que fica escondida – você não consegue me colocar lá fora! Acho que vou ter que voltar para a parte de trás do papel de parede quando anoitecer, e isso vai ser difícil. É tão bom estar do lado de fora do papel, neste quarto, e rastejar o quanto eu quiser! Eu não quero sair de casa. Eu não vou. Pois aqui posso me arrastar suavemente pelo chão

**Efeito sonoro:** *Pessoa rastejando em folhas de papel.*

**Mulher:** E meus ombros casam perfeitamente com aquela mancha na parede, e aí, focalizando bem aquela mancha, eu não me perco.

**Efeito sonoro:** *Som de passos.*

**Mulher:** Por que será que John está na porta?

**Efeito sonoro:** *Batidas na porta.*

**Mulher:** Não adianta meu querido, você não pode abri-la! Como ele reclama e esperneia!

**Efeito sonoro:** *Batidas na porta, homem gritando.*

**Mulher:** Agora está gritando por um machado. É uma pena quebrar uma porta tão bonita.

**Mulher/personagem:** *(suavemente)* John querido! A chave está embaixo de uma folha de bananeira.

**Mulher:** O que o silenciou por um instante. Então ele disse muito calmo:

**John:** Abra a porta, minha querida!

**Mulher/personagem:** Não posso. A chave está perto da porta de entrada, embaixo de uma folha de bananeira.

**Mulher:** E então repeti, novamente, várias vezes, devagar e de maneira gentil, até que ele foi olhar e pegou a chave.

**Efeito sonoro:** *Som de passos se afastando. Som de passos se aproximando. Som de porta abrindo.*

**John:** *(tom de desespero)* O que está acontecendo? Pelo amor de Deus, o que você está fazendo?

**Efeito sonoro:** *Pessoas se rastejando.*

**Mulher:** Continuei rastejando como antes, mas olhei para ele por cima do ombro.

**Mulher/personagem:** Apesar dos seus protestos e de Jennie, eu consegui sair. E rasguei grande parte do papel, por isso você não pode me colocar lá de volta!

**Mulher:** Por que aquele homem teve que desmaiar, logo agora? Mas foi o que aconteceu e bem no meio do meu caminho até a parede! Por isso, tive que rastejar por cima dele toda vez que eu precisava passar.

# Ficha Técnica:

O papel de parede amarelo

Tradução

*Saryne Rhayane Aquino da Cruz*

Revisão

*Sílvia Maria Guerra Anastácio, Susie Santos*

Adaptação

*Sílvia Maria Guerra Anastácio, Anna Carolina de Alencar,  
Caroline Leite Grieco, Flávio Azevêdo Ferrari, Luciano Jocy Teixeira de  
Araújo, Raquel Borges Dias, Tássio Barreto Braga*

Atores

*Déa Machado, Daniel Calibam*

Técnico de Gravação

*Leandro Pessoa*

Gravação no Estúdio PRO.SOM, Instituto de Letras da UFBA

Edição de áudio

*André Tiganá, Fernanda Sgrolia, Saryne Rhayane Aquino da Cruz*

Versão em MEC Daisy

*Raquel Borges Dias*

## **Instruções para o uso do terceiro olho**

Tradução para o português do  
conto *The Yellow Wallpaper*  
De Margaret Atwood

### **Personagens**

Narrador



# Instruções para o uso do terceiro olho

**Efeito sonoro:** *Sobe música de fundo com acordes de violino ao longo dos créditos.*

O olho é o órgão da visão e o terceiro olho não é uma exceção. Abra-o e ele enxergará, feche-o e ele não enxergará mais. A maioria das pessoas tem um terceiro olho, mas não confiam nele. Não foi realmente F. que eu vi, em pé na esquina, as mãos nos bolsos do casaco, esperando as luzes da sinalreira mudar: F. morreu há dois meses. Dizem que meus olhos me pregaram um truque. Um truque de luz. Jane disse que não é contra a telepatia; mas o telefone é muito mais confiável. Qual é a diferença entre o que seria visão e ter uma visão?

**Efeito sonoro:** *Sobe música de fundo com acordes de violino.*

O primeiro refere-se a algo que você supostamente viu, o segundo a algo que você supostamente não viu.

**Efeito sonoro:** *Fim dos acordes de violino.*

Tampouco, a língua também nem sempre é confiável. Se você quiser usar o terceiro olho, terá que fechar os outros dois. Então respire calmamente; e espere.

**Efeito sonoro:** *Acordes de violino num tom frio.*

Às vezes, isso funciona; no entanto, às vezes, você simplesmente pega no sono. O que, às vezes, também pode funcionar.

**Efeito sonoro:** *Fim dos acordes de violino.*

Depois de praticar bastante, não precisa se incomodar mais com esses passos preliminares. Você também vai perceber, que o que vê depende parcialmente do que você quer ver e de como quer ver. Como eu já disse, o terceiro olho é só um olho. Algumas pessoas se ressentem do terceiro olho. Se pudessem até o arrancariam. Para elas, é como se fosse um parasita, penetrando no meio da testa, alimentando-se do cérebro.

Para essas pessoas, o terceiro olho só revela as piores visões:

**Efeito sonoro:** *Acordes de violino num tom sombrio.*

Corpos intoxicados e queimados na entrada de uma caverna, bebês dilacerados, o rastro de mananças deixado por generais, e em nosso dia-a-dia, corações apodrecidos pela inveja e pela avareza, que brilham de dentro das camisas e dos casacos de qualquer pessoa.

**Efeito sonoro:** *Fim dos acordes de violino.*

Esse tormento, elas conseguem ver e até falam sobre ele. O terceiro olho pode ser impiedoso, especialmente quando ferido. Mas alguém tem que ver essas coisas. Elas existem. Tente não resistir ao terceiro olho: ele sabe o que faz. Deixe-o em paz, e ele irá mostrar que essa verdade não é a única verdade.

**Efeito sonoro:** *Sobe música num tom leve de suspense.*

Um dia você acordará, e tudo ao seu redor, as pedras da calçada, as casas de tijolo, cada tijolo, cada folha de cada árvore, até o seu próprio corpo brilhará de dentro para fora, e se iluminará com tanta intensidade, que você mal poderá enxergar.

Se você estender a mão em qualquer direção, será capaz de tocar a própria luz. Depois disso não há mais instruções a seguir porque não há mais escolha. Você enxergará. Você enxerga.

**Efeito sonoro:** *Fim da música de fundo.*

## **Crime na escuridão**

Tradução para o português do  
conto *The Yellow Wallpaper*  
De Margaret Atwood

## **Personagens**

Narrador

## **Local**

Porão, Casa de veraneio



# Crime na escuridão

Este é um jogo que só brinquei duas vezes. Na primeira vez, eu estava na quinta série, joguei em um porão, um porão de uma casa grande que pertencia aos pais de uma garota chamada Louise. Tinha uma mesa de sinuca no porão, mas nenhum de nós sabia nada de sinuca. Tinha também uma pianola, aquele piano que toca sozinho.

**Efeito sonoro:** *Sobe som de pianola semelhante ao de um piano, ficando cada vez mais animado.*

Depois de algum tempo, ficamos cansados de ver a partitura passando na pianola e de ficar observando as teclas subindo e descendo sozinhas, como naqueles filmes que passam de madrugada, pouco antes de aparecer no filme uma pessoa morta.

**Efeito sonoro:** *Fim do som da pianola, terminando com um toque de suspense.*

Eu estava a fim de um garoto chamado Bill, que estava a fim de Louise. Outro garoto, que eu não lembro o nome, estava a fim de mim. Ninguém sabia de quem Louise estava a fim. Então nós apagamos as luzes do porão e brincamos de Crime na Escuridão, que dava aos garotos o prazer de por a mão em torno do pescoço das garotas e dava às garotas o prazer de gritar. A empolgação era maior do que o que poderíamos suportar, mas felizmente os pais de Louise chegaram em casa e perguntaram o que estávamos fazendo.

**Efeito sonoro:** *Toques de piano, indicando a passagem de tempo.*

A segunda vez que eu brinquei foi com adultos. Não foi tão engraçado, embora intelectualmente mais complexo. Ouvi dizer que uma vez seis pessoas comuns e um poeta brincaram deste jogo em uma casa de veraneio, e o poeta de fato tentou matar uma pessoa.

**Efeito sonoro:** *Toques que indicam suspense.*

Ele foi impedido apenas por um cachorro que não conseguia diferenciar a fantasia da realidade. O problema dessa brincadeira é que você tem que saber quando parar de jogar. É assim que se brinca:

**Efeito sonoro:** *Toque animado, mas num tom sombrio.*

Você dobra uns pedacinhos de papel e coloca dentro de um chapéu, numa vasilha ou no centro da mesa. Todos escolhem um papel. Quem pegar o papel com o x é o detetive e quem pegar o que tiver um ponto preto é o assassino. O detetive sai da sala desligando a luz. Todos ficam no escuro tateando pela sala até o assassino escolher uma vítima. Ele pode sussurrar, ‘você está morto’, ou deslizar as mãos pela garganta da vítima e apertar de brincadeira, mas de modo decisivo. A vítima grita e cai.

**Efeito sonoro:** *Encerramento brusco do tom animado, dando a impressão de que alguém caiu. Sobe o som de suspense.*

Nesse momento, ninguém se mexe, menos o assassino que, é claro, não vai querer ser visto perto do corpo. O detetive conta até dez, liga a luz e entra na sala. Ele pode interrogar qualquer um menos a vítima, que não pode falar, já que está morta. Todo mundo, menos o assassino, deve dizer a verdade. O assassino tem que mentir.

Se preferir, você pode fazer algumas mudanças nessa brincadeira. Você pode dizer: o assassino é o escritor, o detetive é o leitor, e a vítima é o livro.

Ou quem sabe, o assassino é o escritor, o detetive é o crítico, e a vítima é o leitor. Nesse caso, o livro seria toda a mise en scène, ou a própria encenação, incluindo um abajur que acidentalmente caiu e quebrou.

Mas, com certeza, é mais divertido brincar sem essas mudanças. De qualquer maneira, sou eu que estou no escuro. Tenho você na minha mira, estou tramando o meu crime sinistro, minhas mãos estão alcançando o seu pescoço ou talvez, por engano, pegando na sua coxa. Você pode ouvir os meus passos se aproximando, estou de botas e com uma faca na mão, ou talvez um revólver com a coronha cor de pérola. De qualquer forma, eu estou usando botas com o solado bem macio.

**Efeito sonoro:** *Som de suspense fica cada vez mais forte.*

Você consegue ver o brilho cinematográfico do meu cigarro aumentando e diminuindo na bruma do quarto, da rua, do quarto, mesmo que eu não fume. Mas lembre disso: quando o grito finalmente cessar e você tiver acendido a luz, pelas regras da brincadeira, eu estaria obrigada a mentir, sempre. E agora, você acredita em mim?

**Efeito sonoro:** *Fim da música de suspense.*

## **Finais felizes**

Tradução para o português do  
conto *Happy Endings*  
De Margaret Atwood

## **Personagens**

Narrador

## **Local**

Casa, Apartamento



# Finais felizes

**Narrador:** *John e Mary se conhecem. O que acontece depois? Se você quer um final feliz, tente a opção A.*

**Efeito sonoro:** *Sobe a música de fundo. Som ambiente, como num dia no campo.*

**A-** John e Mary se apaixonam e se casam. Ambos têm um emprego importante e bem remunerado, que eles acham estimulante e desafiante. Eles compram uma linda casa. O valor dos imóveis sobe. Finalmente, quando eles têm condição de ter uma empregada que dorme no emprego, têm dois filhos, a quem se dedicam. Os filhos se deram bem na vida. John e Mary têm uma vida sexual estimulante e desafiante, além de amigos de valor. Eles passam férias divertidas juntos. Eles se aposentam. Ambos têm os seus hobbies, que acham estimulantes e desafiantes. Finalmente, eles morrem. Este é o final da história.

**Efeito sonoro:** *Fim da música ambiente. Sobe a música de fundo. Som ambiente com um toque de suspense.*

**B-** Mary se apaixona por John, que não se apaixona por Mary. Ele apenas usa o corpo dela para satisfazer o seu prazer egoísta e gratificar o seu ego, sem grande entusiasmo. Ele vem para o apartamento dela duas vezes por semana, ela prepara o jantar para ele. Você verá que ele nem ao menos a considera digna de um jantar e depois que ele termina de jantar, transa com ela e, depois disso, cai no sono, enquanto ela lava os pratos para que ele não pense que ela é descuidada, com todos aqueles pratos sujos ao redor, e ainda re-toca o batom para ficar bonita no momento em que ele acordar, mas quando ele acorda, nem ao menos repara nela. Ele põe as meias e o calção e a calça, e a camisa e a gravata e os sapatos, exatamente na ordem inversa que havia tirado as roupas.

Ele não tira as roupas de Mary, ela mesma as tira; ela age como se, todas as vezes, estivesse desejando muito aquele momento, não exatamente porque goste de sexo, ela não gosta, mas quer que John pense que ela gosta porque se fizerem isso com frequência, com certeza, ele se acostumará com ela, passará a depender dela e eles se casarão, mas John sai porta

a fora, sem ao menos dar boa noite e, três dias depois, ele aparece às seis horas e eles fazem tudo de novo. Mary fica deprimida. Chorar faz mal para o rosto, todo mundo sabe disso, Mary também, mas ela não consegue evitar. As pessoas do trabalho notam. Os amigos dela dizem que John é um rato, um porco, um cachorro, ele não é bom o suficiente para ela, mas ela não consegue acreditar.

No fundo, ela pensa que John é outro John, bem mais agradável. Este outro John surgirá de um casulo como uma borboleta, de uma caixa, como um boneco, de um caroço de ameixa, se apertar bastante o primeiro John. Uma noite, John reclama da comida. Ele nunca tinha reclamado da comida antes. Mary fica magoada. Os amigos dela contam que o viram num restaurante com outra mulher, que se chama Madge. Não é nem Madge que afinal incomoda Mary: é o restaurante. John nunca tinha levado Mary num restaurante. Mary junta todos os remédios para dormir e as aspirinas que ela consegue encontrar e as toma com meia garrafa de vinho. Você pode ver o tipo de mulher que ela é pelo fato de não ser nem whiskey.

Ela deixa um recado para John. Ela tem esperança de que ele a encontre e a leve para o hospital a tempo

e de que ele se arrependa e então se casem, mas isso não acontece e ela morre. Ou John casa com Madge e tudo continua como em A.

**Efeito sonoro:** *Fim da música ambiente. Sobe música num tom um pouco animado, como um dedilhar de violão.*

**C-** John, que é um homem mais velho, se apaixona por Mary, e Mary, que só tem vinte e dois anos, sente pena dele porque ele está preocupado por estar perdendo cabelo. Ela dorme com ele mesmo sem amá-lo. Ela o conheceu no trabalho. Ela está apaixonada por alguém que se chama James, também com vinte e dois anos e que ainda não está pronto para se estabilizar. Por outro lado, John já se estabilizou a um bom tempo e é isso que o preocupa. John tem um trabalho respeitável e fixo, está progredindo em sua carreira, mas Mary não está encantada por ele, ela está encantada por James, que tem uma moto e uma fabulosa coleção de discos. Mas James está sempre viajando com sua moto, livre.

**Efeito sonoro:** *Fim da música de fundo.*

A liberdade não significa a mesma coisa para as meninas, por isso, esse meio tempo, ela passa as noites de quinta-feira com John. Quinta é o único

dia em que John pode sair. John é casado com uma mulher chamada Madge e eles têm dois filhos, uma linda casa, que compraram pouco antes dos valores imobiliários subirem e também praticam hobbies, que acham estimulantes e desafiantes, quando têm tempo. John diz a Mary que ela é importante para ele, mas claro que não pode deixar sua mulher porque compromisso é compromisso. Ele fica repetindo isso mais do que deve e Mary acha chato, mas os homens mais velhos transam melhor, e assim, de um modo geral, ela até que tira proveito disso. Um dia, James aparece com sua moto, com uma maconha de boa qualidade, James e Mary ficam doidos e vão para a cama.

Tudo fica fora de controle, mas então chega John, que tem uma chave do apartamento de Mary. Ele encontra os dois chapados e entrelaçados. Ele nem deveria ficar com ciúme, levando em conta que é casado, mas, apesar disso, fica desesperado. Afinal, é um homem de meia idade que, dentro de dois anos, vai ficar careca, e não consegue suportar essa situação.

Ele compra uma arma, dizendo que precisa praticar tiro ao alvo – esta é a parte fraca do enredo, mas pode ser discutido depois – e atira nos dois e em si mesmo. Madge, após um bom período de luto, casa com um homem compreensivo, chamado Fred, e tudo continua como na opção A, mas com nomes diferentes.

**D-** Fred e Madge não têm problemas. Eles se dão muitíssimo bem e sabem resolver qualquer probleminha que possa aparecer. Mas a linda casa deles é à beira-mar e, um dia, acontece um maremoto.

**Efeito sonoro:** *Sobe um tom que lembra o dedilhar de um baixo e uma bateria acompanhando.*

Os valores imobiliários caem. O resto da história conta o que causou o maremoto e como eles conseguiram escapar. Eles escapam, porém milhares de pessoas morrem afogadas. Parte da história conta como as milhares de pessoas se afogaram, mas Fred e Madge são corretos e têm sorte. Finalmente em terra firme, eles se abraçam, molhados e dando graças por terem se salvado; e tudo continua como na versão A.

**Efeito sonoro:** *Fim do som de fundo.*

**E-** Sim, porém Fred tem o coração fraco. O resto da história conta como eles são bons e compreensivos até a morte de Fred. Então, Madge dedica-se a fazer caridade até o final da versão A da história. Se quiser, pode ser, ‘magde’, ‘câncer’, ‘culpa e confusão’ e ‘ficar observando os pássaros’.

**F-** Se você acha tudo isso muito burguês, imagine que John é um revolucionário e Mary uma agente de contra-espionagem contraespionagem e veja como

isso vai envolver você. Lembre-se, isso se passa no Canadá. Você ainda terá um final como o da versão A, embora, nesse meio tempo, você poderá se deparar com uma saga cheia de brigas e desejos e de envoltimentos apaixonados, algo parecido com uma crônica dos nossos tempos.

**Efeito sonoro:** *Sobe música de fundo. Música ambiente.*

Você terá que encarar isso, os finais são os mesmos, no entanto, você é quem os recorta à sua vontade. Não se iluda com nenhum outro final, eles são todos falsos, ou são intencionalmente falsos, com o intuito malicioso de enganar, ou apenas motivados por um excesso de otimismo, ou por um tolo sentimentalismo.

O único final verdadeiro é o que vem a seguir: John e Mary morrem. John e Mary morrem. John e Mary morrem. Não tem nada mais a dizer sobre fins. Os começos são sempre mais divertidos. Os verdadeiros conhecedores do assunto, no entanto, são conhecidos por preferirem o meio da história, porque é a parte mais difícil de lidar. É tudo que pode ser dito sobre enredos, ao qual de qualquer forma, é uma coisa depois de outra, um que, depois de um que, e um que. Agora tente como e porquê.

**Efeito sonoro:** *Fim da música de fundo.*



## **A página**

Tradução do conto *The page*

De Margaret Atwood

## **Personagens**

Narrador



# A página

**Efeito sonoro:** *Sobe música de fundo.*

A página espera, fingindo estar em branco. Será que o seu atrativo é ser em branco? Que outra coisa poderia ser tão lisa e branca, muitíssimo inocente? Um floco de neve, uma geleira? É um deserto totalmente árido, sem vida. Mas as pessoas se aventuram por esses lugares. Por quê? Para ver o quanto elas aguentam, o quanto elas conseguem resistir à sua luminosidade intensa? Eu disse que a página é branca. E realmente é branca como vestidos de noivas, as baleias raras, as gaivotas, o gelo e a morte. Alguns dizem que como a luz do sol, a página contém todas as cores; outros, dizem que é branca porque é quente e sendo assim queimam os nervos ópticos daqueles que olharem por muito tempo a página, deixando-os cegos.

A página por si só não tem dimensões, nem direções. Não existe nem início, nem fim, até você deixar suas próprias marcas; não tem espessura, nem peso, além do que você coloca nela; norte e sul não existem, a menos que você tenha certeza disso. A página não tem parâmetros, nem sons, nem mesmo centros ou margens. Por causa disso, você poderá ficar perdido nela para sempre.

Você nunca viu a expressão de gratidão, a expressão de alegria nos rostos daqueles que conseguiram retornar da página? Apesar da fraqueza deles ou da perda de sangue, eles caem de joelhos, eles metem as mãos na terra, apertam o corpo daqueles que amam, ou, se necessário, qualquer corpo que conseguirem pegar, com uma urgência que aqueles que nunca experimentaram o horror de uma viagem à página desconheciam. Se você decidir entrar na página, pegue uma faca e alguns fósforos, e alguma coisa que flutue.

Pegue algo em que você possa se segurar, e um prisma para refratar luz, e um talismã que funcione, que deve ficar pendurado em uma corrente em volta do seu pescoço: tudo isso para conseguir voltar. Não importa que tipo de sapato, mas você não deve ter nada nas mãos. Você nunca deve entrar na página

usando luvas. Nem precisa dizer que não se deve tomar essas decisões de maneira leviana. É claro que alguns entram na página sem antes decidir, sem querer. Alguns deles levam uma vida encantada e sem dificuldades, mas a maioria não sai dessa situação de jeito nenhum. Para eles, a página parece um poço, uma bela lagoa na qual eles enxergam um rosto, que é o deles próprios, mas numa versão aprimorada.

Esses infelizes não pulam, ao invés disso, eles caem e a página se fecha sobre suas cabeças, sem um som sequer, sem emenda, e se torna imediatamente inteira e vazia, como se fosse de vidro, tão atraente quanto antes. A pergunta que se pode fazer sobre uma página é: o que há por trás dela? Parece ter apenas duas dimensões, você pode pegar nela e virar; frente e verso são iguais. Não tem nada nela, você diz, desapontado. Mas você estava olhando no lugar errado, você estava olhando para o verso e não para o pé da página. No pé da página é outra história. No pé da página está tudo o que aconteceu, a maior parte você não gostaria de ouvir. A página não é uma lagoa e sim uma pele, uma pele que está lá para conter e que pode sentir o seu toque. Você realmente pensou que ela fosse ficar parada lá sem fazer nada?

**Efeito sonoro:** *Breve passagem do som de um piano.*

Toque a página por sua conta e risco: é você que está em branco e inocente, não a página. Mesmo assim, você quer saber, nada irá lhe impedir. Você toca a página, é como se você tivesse sacado uma faca e passado de um lado a outro; a página agora está ferida, uma ferida sinuosa se abre, uma fina incisão. Cai a escuridão.

## Ficha Técnica:

Instruções para o uso do terceiro olho,  
Crime na Escuridão, Finais felizes, A página

### Tradução

*Carla Cristiane Cruz Souza, Fernanda Correia Silva Rochinski, Luana Lise Carmo da Solidade, Luciano Munduruca Tayrovitch, Rafaela Bisinotto Gomes, Raquel Borges Dias*

### Revisão

*Silvia Maria Guerra Anastácio, Susie Santos*

### Atores

*Gideon Rosa, Joana Luiza Schaun Schnitman*

### Produção e direção

*Gideon Rosa*

### Técnico de gravação

*Luciano Bahia*

### Gravação no Estúdio

*Luciano Bahia*

### Edição de áudio

*André Tiganá, Fernanda Sgroglia, Luciano Bahia*

### Versão em MECDaisy

*Raquel Borges Dias*

	COLOFÃO
Formato	<i>14 x 21 cm</i>
Tipologia	<i>Georgia 12/18</i>
Papel	<i>Reciclato 75 g/m<sup>2</sup> (miolo) Cartão Supremo 250 g/m<sup>2</sup> (capa)</i>
Impressão	<i>EDUFBA</i>
Capa e Acabamento	<i>Gráfica Cian</i>
Tiragem	<i>400 exemplares</i>

**Desenbahia**   
Agência de Fomento do  
Estado da Bahia S.A.

